

O ensino de jornalismo cultural a partir da crítica: reflexões de experiências didáticas na cobertura e agendamento do campo cultural

Paula Melani Rocha¹
Sérgio Luiz Gadini²
Isadora Ortiz de Camargo³

Resumo: Quais as melhores, mais simples e eficazes atividades didáticas para desenvolver habilidades com a produção jornalística em cultura? Como pensar formas de incentivar o interesse pela produção cultural a partir do exercício jornalístico? Em que aspectos se pode(ria) desafiar a formação da sensibilidade estética em sintonia com a cobertura editorial periodística? É possível desenvolver ações didáticas que possibilitem reflexões sobre o acesso aos bens (produtos e serviços) culturais como exercício da condição de cidadania? Estas são algumas das inúmeras questões que perpassam as constantes reflexões conceituais em torno dos desafios didáticos do Jornalismo Cultural no Brasil. O texto que segue busca, a partir da descrição de experiências de produção laboratorial em jornalismo cultural, desenvolvidas junto ao Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), discutir algumas das questões que abrem reflexões constantes e desafiadoras na formação profissional da área. A produção semanal de dois progra-

¹ Jornalista e pós-doutora em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa – Portugal. É professora do curso de Jornalismo da UEPG/PR, Pesquisadora-colaboradora UNICAMP (FAPESP). E-m: pmrocha@uepg.br

² Jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. É professor do curso de Jornalismo da UEPG/PR. E-m: sergiogadini@yahoo.com.br

³ Graduanda em Jornalismo pela UEPG/PR. E-m: isa_camargo16@hotmail.com

mas culturais (Crítica de Ponta, que surgiu como um blog, e o ADE!) televisivos que focam o agendamento, a cobertura e a análise crítica setorizada na cidade de Ponta Grossa (PR) é apresentada, aqui, como indicador ilustrativo de um esforço e proposição didática voltadas ao campo cultural. Tais experiências procuram tensionar abordagens conceituais que habitualmente marcam os estudos sobre Jornalismo Cultural nas escolas do País. A abordagem realizada no texto dialoga, assim, com referências bibliográficas da área, recupera parte da trajetória de formação histórica e social do campo cultural e discute o ensino setorizado na formação jornalística, em sintonia com os desafios, limites e problemas que marcam o cotidiano da produção periódica em cultura.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Crítica. Ensino de Jornalismo. Campo Cultural.

Introdução: para entender a formação profissional em jornalismo

A discussão sobre o papel das instituições e o ensino do jornalismo não é recente. No Brasil, não há um consenso entre pragmáticos e teóricos sobre a importância da formação acadêmica em jornalismo para o exercício da profissão, ou ainda sobre o conteúdo e a estrutura curricular do curso. Na própria academia há diferentes correntes de pensamento sobre a formação ideal do profissional, nem todas antagônicas. As linhas de raciocínio não são fixas, acompanham o movimento da sociedade e suas tendências, inclusive em outros campos profissionais.

Ente elas estão (1) a que defende um conhecimento próprio para o jornalismo, com domínio de uma *expertise*; (2) a favorável à formação universitária para o exercício da profissão, e interface com as ciências humanas; (3) a que aposta em uma formação na graduação mais generalista, seguida de uma especialização com ênfase em alguma área do saber; (4) e a que acredita em uma formação mais específica ainda na graduação (ROCHA e SOUSA, 2008).

A história dos cursos de formação em jornalismo no Brasil aponta para a necessidade de existir um diálogo entre a teoria e prática dentro das academias. Os avanços tecnológicos assim como as novas ferramentas e tendências da globalização devem ser incorporados pelos Projetos Pedagógicos bem como as pesquisas e teorias. O propósito é formar jornalistas aptos a exercerem a profissão, respeitando os princípios da mesma, o compromisso com a sociedade e em sintonia com as mudanças do contexto histórico. O interessante é que os mecanismos de avaliação do MEC/INEP e a Nova Diretriz Curricular refletem esta preocupação, que não é nova, ao contrário desde Pulitzer e Casper Líbero ela já existia, mas em direção inversa: a necessidade era oferecer uma melhor preparação dos jornalistas que estavam no mercado e não tinham estudado. Enquanto empresários, eles sentiram necessidade de terem funcionários mais bem preparados teoricamente.

Pulitzer (2009) defendeu a formação universitária do jornalista como uma forma de preparar os profissionais para servirem melhor a população, transmitindo conhecimento para ser usado em benefício do público.

Luiz Beltrão defendeu o conhecimento teórico para o exercício da profissão, quando, na década de 60, após anos atuando na prática, criou o curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Beltrão pensava o jornalismo como difusor de conhecimento.

O agente qualificado do Jornalismo na nossa época é um verdadeiro profissional, que deve possuir sólida base de conhecimentos científicos naturais e sociais e treinamento técnico eficiente, ao lado de vocação para as difíceis atividades do ofício, aguçado senso de responsabilidade e consciência da missão que a comunidade lhe outorgou. Com esses predicados, o jornalista logrará não apenas um bom nome profissional, contribuindo para o maior prestígio dessa atividade humana e social, mas igualmente obterá recompensa econômica representada em salários compatíveis com o seu valor e a importância do seu trabalho (BELTRÃO, 2006, p. 19-20).

Assim, a epistemologia e a prática no jornalismo não se caracterizam como uma relação dicotômica e sim complementar. O conhecimento também pode nascer do estudo da prática na busca de aprimorá-la ou conceituá-la, como citado acima na iniciativa de Pulitzer. Fidalgo (2008, p.11) mostra que no ato do fazer jornalismo também se desenvolve um saber “a

investigação pode nascer da própria prática e ser reclamada por ela”.

[...] um tipo de trabalho “técnico-intelectual”, que vai para além de uma mera lógica “técnico-instrumental” (CARIA, 2005 p.198). E isto por três motivos essenciais: (1) nesta acção profissional estão inscritos também “valores e orientações morais” que fazem com que os critérios de interação com “o outro” não sejam desvalorizados; (2) os conhecimentos mobilizados não são uma mera aplicação da ciência adquirida em educação formal prévia e, pelo contrário, obrigam a “operações sócio-cognitivas de recontextualização profissional do conhecimento”; e (3) a autonomia no contexto de trabalho implica o “desenvolvimento de uma reflexividade profissional própria” que saiba lidar com a incerteza e a singularidade das situações (FIDALGO, 2008, p.14).

O autor defende a importância da prática na aprendizagem do jornalismo, não apenas como um conjunto de técnicas mecânicas que reproduzem atividades passadas, mas como um “saber profissional” com dimensões reflexivas. A dificuldade é contemplar este ensino-aprendizagem nos cursos de graduação. As pesquisas em comunicação, as discussões na academia e em congressos vêm apontando o interesse por parte dos acadêmicos em encontrar instrumentos de aprendizagem que contemplem os dois “saberes” da formação do jornalista. E a discussão não se limita ao âmbito da academia, ao contrário, ela envolve entidades

representativas da categoria de jornalismo (FENAJ e sindicatos) e o Governo, que cria mecanismos para avaliar a qualidade dos cursos de formação.

Os avanços tecnológicos resultaram na concepção da sociedade digital e, também, globalizada. A tecnologia e a criação da internet trouxeram mudanças importantes para a comunicação e para os envolvidos nesse processo. O jornalismo brasileiro, por sua vez, incorporou gradativamente as transformações tecnológicas no exercício da profissão, desde a década de 1980 com a introdução dos computadores nas redações, passando pelo surgimento do jornalismo *on line* até a tv digital e a convergência de mídias. Mas a tecnologia não se limitou a uma ferramenta útil à atividade de jornalismo ou à mídia de maneira geral.

O desenvolvimento da tecnologia no interior das redações e a chegada do multimídia redefiniram as competências profissionais, ameaçando banalizar o jornalismo num *continuum* das profissões da comunicação. A escalada dos imperativos comerciais no seio dos grupos de comunicação social fragilizou a autonomia do trabalho jornalístico. Estas evoluções foram acompanhadas de atentados aos princípios deontológicos, facto que contribuiu para uma degradação da imagem social dos jornalistas (NEVEU, 2005, p. 115).

O grau de desenvolvimento técnico-científico e a velocidade das transformações tecnológicas, culturais e económicas exigem um acompanhamento dos cursos de formação

profissional. As instituições de ensino devem proporcionar a formação integral do indivíduo e do profissional, com a tarefa social de despertar no discente competência para a cidadania. É assim que a instituição de ensino tem como compromisso a aproximação e contribuição com a comunidade, atuando em conjunto com os setores organizados da sociedade, como o empresariado, a intelectualidade, os produtores culturais e as representações profissionais, para a promoção do desenvolvimento social.

Os cursos superiores devem contribuir para o desenvolvimento social, mediante a promoção do aprendizado qualificado e da fomentação do conhecimento. A meta é uma formação integral, social e ética dos indivíduos. Os dois projetos de extensão abordados neste artigo (Programa ADE! e Crítica de Ponta) são instrumentos desenvolvidos pelo curso de Jornalismo da UEPG na busca em atender e contemplar essas pontuações. Os programas ADE! e Crítica de Ponta, que também tem suporte online, são experiências de produção de pautas, redação, filmagem e edição de assuntos da cultura regional dos Campos Gerais, no Paraná.

Podendo ser caracterizados como um processo de extensão universitária, em que há interlocução entre academia e comunidade, o desenvolvimento dos programas televisivos fazem com que o estudante se integre com o espaço em que vive, desenvolvendo atividades sociais, culturais

que colaboram com a população deste local. Nesse sentido, “trata-se de um relacionamento entre teoria e prática”, em que o conhecimento se estende para fora da sala de aula e é reproduzido no meio social, o que permite a aprendizagem por meio da aplicação. (SILVA, 1996 apud Araújo e Casimiro, s/a).

A universidade e os cursos de comunicação por mais que visem o mercado de trabalho, têm sua vocação fundada no cultivo da reflexão crítica sobre a deontologia do jornalismo, por isso a importância da extensão como elo entre a reflexão e a prática. Sua melhor contribuição não está em formar profissionais tecnicamente preparados para assumir suas funções profissionais, mas críticos capazes de pensar por si mesmos e a serviço da sociedade.

Nesse sentido, é que as experiências de ensino e extensão possibilitam ao estudante de jornalismo colocar em prática conhecimentos desenvolvidos durante o curso, ao mesmo tempo em que operam como exercício profissional. As produções, portanto, representam o desafio de apostar em projetos que integram os estudantes ao meio profissional, com ênfase em demandas sociais de mídia, buscando ampliar laços de envolvimento com setores da sociedade civil organizada que poderia contribuir para com a formação profissional em Jornalismo, na medida em que tais ações universitárias não precisariam ficar reféns ou mesmo dependentes de relações de mercado.

Em outro aspecto, a mesma estratégia de aposta visa complementar a formação universitária em Jornalismo, buscando inserir os futuros profissionais em ações sociais que envolvem processos de produção editorial. Então, as produções, aqui apresentadas como processos de ensino e formação profissional, se referem a produções voluntárias com o objetivo de utilizar referências do jornalismo cultural veiculadas em um meio comunitário, que é a TV Comunitária de Ponta Grossa, com transmissão pelo canal a cabo 96, da NET.

Jornalismo cultural em programa (experimental) televisivo

Considera-se como jornalismo cultural os diversos formatos discursivos (in)formativos que tematizam produtos, ações ou serviços do campo cultural, seja numa perspectiva noticiosa, de agenda, roteiro ou crítica. Tais expressões podem ganhar forma nos mais variados suportes técnicos de mídia (rádio, TV, impresso ou internet).

O programa ADE!, por exemplo, oferece aos alunos do curso de graduação de Jornalismo da UEPG a oportunidade de aplicar as teorias que envolvem o jornalismo e vivenciar a rotina produtiva de um programa de televisão, em todas as suas etapas (produção, edição e veiculação), bem como estreitar as relações com as fontes e profissio-

nais da área. Todas as atividades são desenvolvidas com o acompanhamento pedagógico dos professores envolvidos, integrantes da Agência de Jornalismo - departamento de Comunicação, havendo espaços de diálogo e reflexão coletiva sobre a produção televisiva.

A produção do programa, que teve início em outubro de 2010, tem periodicidade quinzenal e foca temas relacionados à cultura. Entende-se o conceito de cultura sob a perspectiva antropológica, a qual envolve as dimensões da linguagem, do simbolismo, do comportamento, da cognição, do espaço, do tempo, enfim, refere-se a uma complexidade de aspectos que incluem conhecimentos, arte, leis, costumes, comportamento e hábitos adquiridos pelo indivíduo enquanto membro de uma sociedade. Nesse sentido, há um leque muito amplo de pautas relacionadas direta ou indiretamente à comunidade, tais como comidas típicas, crenças religiosas, culturas dos imigrantes, práticas esportistas e artísticas entre outros, propondo cumprir as metas de um projeto de extensão, ou seja, associar o ensino e a pesquisa a serviço da sociedade.

Veiculado na TV Comunitária de Ponta Grossa, o público alvo do ADE! é o morador do município que tem acesso à TV a cabo. São 24 minutos de produção, distribuídos em três blocos com 8 minutos cada, com dois intervalos de 3 minutos. Participam de todo o processo de produção e construção do programa alunos voluntários do curso

de Jornalismo. O objetivo do projeto é desenvolver o tripé ensino, pesquisa e extensão, essencial para a formação de um profissional na atualidade e propiciar um diálogo entre academia e sociedade.

A relevância da proposta é atender a formação holística do profissional na contemporaneidade ajustando à complexidade da sociedade globalizada e informatizada. A formação do jornalismo compreende dois saberes, o teórico e o prático, os quais fazem interface com o contexto social e suas especificidades econômicas, política, social, cultural e tecnológica. Propõe-se, assim, discutir a relação entre epistemologia e prática: como as novas tecnologias e práticas geram a produção de conhecimento e sua aplicação na realidade social.

A proposta se justifica por demonstrar a importância do desenvolvimento de atividades de extensão na graduação, especialmente aos alunos de jornalismo que, por impedimento legal, não podem fazer estágios nas empresas de comunicação.

A metodologia utilizada no desenvolvimento do projeto compreende duas etapas: a aplicação de referenciais teóricos estudados em sala de aula, nas disciplinas do curso, e o processo produtivo do programa. Este último envolve as seguintes atividades: reunião de pauta, organização da equipe de produção, captação de imagens, edição, desenho do espelho do programa, gravação das cabeças, montagem e veiculação.

A equipe é formada por 18 alunos, preferencialmente do terceiro e quarto ano, pois já cursaram disciplinas de telejornalismo. Eles são divididos em seis grupos de acordo com as funções de uma redação: produção/pauta; reportagem; captação de imagens/câmera; edição, nesta última os três integrantes participam. Há um revezamento entre os participantes no fechamento do programa e na apresentação, que padronizou em dois apresentadores. As equipes não são fixas, há rodízio de acordo com a edição do programa, para que o aluno participe de todo o processo de produção jornalística. Entende-se por produção jornalística, a discussão proposta por Traquina (2005) que envolve desde a seleção dos acontecimentos até a construção final da notícia e a publicação. Nestas etapas há um conceito chave para o jornalismo, o qual corresponde aos valores-notícia.

Segundo o autor, os jornalistas se apoiam em critérios de noticiabilidade para decidirem o que será ou não publicado. Traquina (2005, p.190) define os jornalistas como uma comunidade transnacional, espalhada pelo mundo, que partilha uma “cultura noticiosa comum”: “(...) Os dados empíricos apontam para o fato de que os jornalistas partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional”. A seleção, por exemplo, do que vai ao ar em uma emissora televisiva, leva em conta isso.

Por ser veiculado na TV Com PG, o ADE!, assim como toda a programação do canal, trabalha sob uma perspectiva diferente, que não visa o lucro, mas sim a coletividade e o interesse público. Tem como princípio noticiar temas próximos da realidade do público focando o viés do cidadão comum e não apenas a opinião de fontes oficiais e/ou oficiais. Outra característica peculiar é o foco: cultura. Não como um viés do jornalismo segmentado, mas sim no seu entendimento mais amplo e presente no comportamento cotidiano dos grupos sociais, operando como um agendamento cultural sistemático.

Outra vantagem do canal é a oportunidade de trabalhar com interesses comunitários, que possuem um valor diferenciado de produção, sem interesses econômicos e políticos, caracterizando uma alternativa de produção em TV.

Partimos do pressuposto de que a TV influencie o cotidiano dos indivíduos por acreditarmos ser ela um meio que mobilize muitas paixões (tanto no âmbito social quanto cultural). Wolton (2006, p. 16) acredita que a força da televisão esteja na ligação dos níveis da experiência individual e coletiva por ser a única atividade a fazer uma ligação equânime entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, cultos e menos cultos. Corroboramos ainda com a crença do sociólogo francês de que a TV seja um objeto de conversação: assistimos e discutimos sua programação dentro e fora de casa. (MARTINS, 2009, p.5)

Uma televisão comercial tem suas próprias características e objetivos, assim como também têm os canais de tevê educativos e comunitários. Esta última modalidade vem se ampliando a partir da implantação dos sistemas de televisão a Cabo no país. A lei reservou a entidades sociais, por exemplo, o direito de constituir emissoras e exibir programações de caráter comunitário. Convém ressaltar que o “mercado” televisivo no sistema capitalista oscila entre três lógicas em conformidade com a política de comunicação adotada em cada lugar: a lógica da cultura de massas, do jornalismo de atualidade e a lógica de serviços. (BECHELLONI apud ALSINA, 2009, p. 199). Para Alsina, os meios de comunicação públicos reservam ênfase à lógica de serviços, programas educativos; os comerciais e em outros veículos, a atenção é na informação e no entretenimento. Certamente, uma emissora só terá sucesso se estiver sintonizada ao seu público e se conseguir representá-los. Isso é ainda mais importante quando se trata de uma emissora comunitária, já que ela deverá estabelecer laços fortes com a sua comunidade.

Em tempos de globalização a mídia comunitária vai mostrando sua força e grande diversidade de estratégias e conteúdos, mas pautando-se pela legalidade, valorização da cultura brasileira e privilegiando o cotidiano local e regional tanto na questão jornalística como artística e cultural. (PERUZZO, 2000, p.15)

Os canais comunitários “representam um avanço no sentido da democratização dos meios de comunicação de massa do Brasil, apesar das limitações impostas pelo sistema a cabo” (PERUZZO, 2000, p.7). Dessa forma, é importante destacar três características da iniciativa comunitária: o conjunto da programação se objetiva em contribuir com as questões de educação, cultura e cidadania; buscam sustentação financeira nas atividades realizadas pelas entidades usuárias e são formas de concretizar a democratização da televisão (PERUZZO, 2000).

Crítica de mídia e formação cultural em jornalismo

O blog *Crítica de Ponta*⁴ surgiu em março de 2009, como proposta de produção de textos com foco em análise de mídia e cultura, na disciplina de Crítica de Mídia, no Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A referida disciplina integra a grade curricular e é trabalhada no segundo ano do Curso (3º e 4º semestre).

Conforme prevê a ementa, a disciplina visa proporcionar, a partir de leituras atividades de produção, um “acompanhamento sistemático da produção jornalística nos diferentes veículos, a partir da identificação dos mecanismos

⁴ Todos os textos (análises) e comentários do blog *Crítica de Ponta* estão disponíveis no endereço: www.criticadepona.blogspot.com/.

e estratégias de agendamento, seleção de fatos, tratamento discursivo e imagético e angulação editorial”.

E, no objetivo central da disciplina, destaca-se a preocupação em “desenvolver habilidades para compreender e analisar a produção de mídia contemporânea”, numa perspectiva crítica, “considerando a necessidade (e importância) da informação, variedade de formatos, ações, estratégias e potencialidades da relação de consumo (recepção) de produtos midiáticos”. A perspectiva de incentivo ao olhar crítico da produção cultural e de mídia, em nível regional, também é objetivo (específico) da disciplina, paralelo ao esforço propositivo de se “exercitar a prática da crítica de mídia, explorando modalidades, estilos, limitações e percepções sobre os processos midiáticos”. E, da mesma forma, “compreender as características gerais, similaridades, distinções e lógicas de funcionamento da crítica midiática contemporânea”.

Com atualização semanal, a edição é formada por 10 grupos que, a cada semana, postam nove textos – em sistema de rodízio, de tal forma que todas equipes (com três a quatro integrantes cada) – e uma equipe fica responsável pela edição, organização da agenda/roteiro e disponibilização do material na web. Cada crítica deve ter, de acordo com orientações definidas na disciplina pela própria turma, um texto entre 1500 e 1600 caracteres, além de título e imagem (foto ou ilustração) do referido produto ou serviço analisado.

O *Crítica de Ponta* mantém, assim, uma análise semanal de setores, programas, canais, periódicos, emissoras ou serviços de mídia, produzidos ou que circulavam na Região dos Campos Gerais do Paraná, onde se situa o curso de Jornalismo da UEPG. Os textos de análise midiática podiam entrar em uma das editorias que tinham como foco a produção de mídia radiofônica ('Antena'), televisiva ('Na Tela'), cinema ('Projeto') e jornal impresso ('Entre Linhas'). Além disso, o blog contempla crítica cultural com ênfase em alguns setores habitualmente mais frequentados ou abordados em Ponta Grossa, como música ('Vitrola'), literatura ('Livro Aberto'), teatro/dança ('Em Cena') e turismo ('Outros Giros'), esta última envolvendo locais ou espaços como opção de lazer e cultura. Por fim, a coluna (seção) Ombudsman apresenta uma avaliação simultânea da mesma produção semanal disponibilizada no blog, realizada por um(a) estudante de turmas que cursaram a disciplina em anos anteriores. A última editoria é a que produz o programa do crítica para a TV, com base no mesmo conteúdo que vai ao blog.

A versão televisiva do blog *Crítica de Ponta* é produzida por uma equipe, responsável pela organização editorial, tendo por base comentários/críticas que os próprios autores que produzem os textos. A duração semanal do Crítica de Ponta na TV é de 15 minutos (semanal) e roda na TV Com PG, canal 96 do sistema a cabo local, 21 horas de sábado, com reprise aos domingos, também 21 horas.

Obviamente, tais atividades registram dificuldades! Para um estudante de Jornalismo que inicia o segundo ano do Curso (ou 3º semestre), falar em crítica de mídia e cultura pode não ser uma das práticas mais motivadoras, seja porque as primeiras atividades laboratoriais na primeira série são limitadas (uma vez que ficam basicamente ao fotojornalismo e a redação jornalística I, no segundo semestre do primeiro ano) ou mesmo porque, em tese, uma crítica demanda leitura, desenvolvimento de um olhar mais aguçado e, portanto, necessariamente mais criterioso.

Leituras prévias, discussões em aula e iniciativas para motivar (incentivar ou desafiar, por vezes) deveriam auxiliar no gradual projeto de desenvolvimento da percepção social da realidade cultural... que deveria levar a outras percepções de expressões artísticas. A primeira fase da disciplina, que envolve uma espécie de ‘aproximação’ conceitual com temas e sugestões de análise (seja por roteiro de cinema, critérios de audiência, estratégias editoriais e dicas para ir além da informação descritiva), foi se articulando com o exercício semanal de produção de textos, na mesma proposição de uma análise crítica.

A recente experiência de produção de crítica com formato televisivo – embora ainda limitada, em seu desenvolvimento e experimentação – já possibilita pensar alguns desafios para o fortalecimento da formação profissional voltada ao campo cultural. Mais do que falar para a câmera,

apresentando sua própria crítica, o estudante é desafiado a um exercício de ‘comentário’ crítico, gênero outrora muito explorado pelo rádio, e ainda pouco realizado seu formato televisivo na grande maioria das escolas de Jornalismo do Brasil.

Conclusões

Contudo, a crítica cultural – e qualquer artista, escritor, cineasta, músico, produtor, estrategista de mídia, dentre outros atores que operam no amplo e variado campo sabe disso – não se completa ou, ao menos, deixa algo em aberto se não provoca ou aponta para outras percepções, capazes de provocar sensibilidades, despertar interesses ou motivações que vão além do ato ou fato executado em um determinado evento cultural. Pensar, e expressar em texto, um olhar analítico de produtos/serviços de mídia/cultura se torna, assim, um desafio capaz de justificar a terceira etapa metodológica de um projeto de formação profissional em Jornalismo.

Não há, obviamente, um limite ou indicador matemático em tal processo didático, até porque cada estudante desenvolve tal reflexão e exercício em diferentes momentos de um mesmo ano letivo. Mas pode-se, sim, reconhecer uma mudança – que reside na apresentação de textos com um mesmo tamanho, seja pela apuração, síntese informativa,

percepção e descrição de características que possibilitam entender melhor de que produto se fala, bem como eventuais pistas para uma percepção estética de tais manifestações culturais.

Pode-se afirmar que o *Crítica de Ponta* – seja na web ou em sua versão televisiva - busca formação profissional e incentivo a um olhar assumidamente crítico da produção de mídia e cultura demanda, para além de leituras cuidadosas e uma atenção sempre vigilante aos conceitos da área, a criação/manutenção de um espaço para “exercício da crítica”. Isso porque, mesmo ciente da necessária cobrança de leituras, pesquisas e buscas ao que se produz sobre análise midiática, é fundamental a experimentação de um olhar sistemático sobre determinados produtos (serviços ou ações) de mídia, capaz de desafiar os futuros profissionais do Jornalismo a um maior cuidado, rigorosidade e criticidade sobre o que e como se faz mídia, em especial quando o interesse é também ao universo regional. E, assim, o exercício da crítica de mídia pode se articular a partir de um duplo eixo de ação: a reflexão conceitual, própria ao ensino, e uma prática extensionista, na medida em que tais análises da produção midiática demandam também um olhar externo ao meio acadêmico e específico do Jornalismo.

Da mesma maneira, a meta com a produção do Ade! é proporcionar contato com formação integral, social e ética dos indivíduos, funcionando como um canal de atuação

dos estudantes diretamente com a comunidade. Assim, as reflexões que se procuram estimular, desde a sala de aula, é dirigida a todos os setores do campo jornalístico (BOURDIEU, 1997) e dentro dele está a área televisiva e as lógicas produtivas em televisão, tomando em conta o modelo, ou melhor, o sistema que se adota.

Referências

ALSINA, M. R. A construção da notícia. Petrópolis:Vozes, 2009.

BELTRÃO, L. Teoria e prática do jornalismo. Adamantina. Edições Omnia, 2006.

BOURDIEU, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRAGA, J. L. A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUNEL, P., MADELENAT, D., GLIKSOHN, J.-M. e COUTY, D. A crítica literária. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COELHO, M. Gosto se discute. São Paulo: Ática, 1994.

EAGLETON, T. A função da crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FIDALGO, J. Jornalistas e saberes profissionais. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXI., Natal, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0452-1.pdf>

GADINI, S.L. Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paullus, 2009.

GIRON, L. A. Minoridade crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da corte: 1826-1861. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Ediouro, 2004.

KOSHIYAMA, M. A. Ensino de Jornalismo Brasil-EUA: O Legado de Pulitzer nos Tempos do Capitalismo Financeiro. Intercom, v.28. São Paulo: Intercom, 2005.

MARTINS, M. H. (Org.). Rumos da crítica. São Paulo: SENAC/Itaú Cultural, 2000.

_____. (Org.). Outras leituras. São Paulo: SENAC/Itaú Cultural, 2000.

MARTINS, S. T. A Construção da Notícia: Sobre a Influência da TV – e do Telejornalismo – no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, XIV., maio de 2009, p. 1-14, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0528-1.pdf>. Acesso em 01/07/2010.

MELO, J. M. Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. M. K. TV Comunitária no Brasil: Aspectos Históricos. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-tv-comunitaria.pdf>. Acesso em: 27/06/2011.

PIZA, D. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.

PULITZER, J. *A escola de jornalismo*. A opinião pública. Florianópolis: Insular, 2009.

_____ *Comunicação e modernidade*. São Paulo: Loyola, 1991.

ROCHA, P. M.; SOUSA, J. P. *Rumos do Jornalismo na Sociedade Digital: Brasil e Portugal*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. 172p. (Pós-doutorado). Programa de Pós-doutoramento em Jornalismo da Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2008.

ROCHA, P. M.; SOUZA, C. A. A prática jornalística na Agência de Jornalismo do Decom/UEPG. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PESQUISA EM JORNALISMO, XIV., Ponta Grossa: UEPG, 20 a 22 de outubro de 2010.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. V. I. Florianópolis: Insular, 2005.

_____ *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. V. II. Florianópolis: Insular, 2005.*